

## **“QUO VADIS, DOMINE?”**

### **A CANONICIDADE DO MARTÍRIO PETRINO**

Juliano Carvalho Bento<sup>1</sup>

#### **RESUMO**

O objetivo desse trabalho visa averiguar a canonicidade das narrativas que envolvem a paixão do Apóstolo Pedro que, embora não constem nos livros bíblicos, acabaram por deter certo “status canônico” para algumas vertentes do cristianismo ao longo da história. Esses episódios estão tão disseminados nas artes, cultura e no imaginário popular dos últimos 2000 anos, que nos leva a crer que foram considerados sagrados para as comunidades cristãs em algum momento. Assim, de forma a melhor compreendermos a origem e o conteúdo de tais passagens, partiremos da formação do cânon neotestamentário, seguido de uma breve hagiografia petrina e, por fim, compilaremos os relatos envolvidos em seu martírio. Para esse intento, nos utilizaremos dos livros contidos no Novo Testamento, dos “Atos Apócrifo de Pedro”, dos comentários dos Pais Apostólicos e da própria tradição cristã.

**PALAVRAS-CHAVE:** CÂNON BÍBLICO. HAGIOGRAFIA DE PEDRO APÓSTOLO. PAIXÃO PETRINA.

#### **ABSTRACT**

The objective of this work is to investigate the canonicity of the narratives that involve the Petrine Passion that, although not included in the biblical books, ended up holding a certain "canonical status" for some strands of Christianity throughout history. These episodes are widespread in the arts, culture and popular imagination of the last 2000 years, which leads us to believe that they were considered sacred by Christian Communities at some point. Thus, in order to better understand the origin and content of such events, we shall start with the formation of the New Testament canon, followed by a brief hagiography of the Apostle Peter and, finally, we will compile the accounts involved in his martyrdom. For this purpose, we shall use the New Testament, the “Apocryphal Acts of Peter”, the commentaries of the Apostolic Fathers and the Christian Tradition itself.

**KEYWORDS:** BIBLICAL CANON. HAGIOGRAPHY OF PETER THE APOSTLE. PETRINE PASSION.

---

<sup>1</sup> Possui Bacharelado e Licenciatura em Física pelo Instituto de Física Gleb Wataghin – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Mestrado em Engenharia Elétrica pela FEEC – UNICAMP, Pós-Graduação em História do Cristianismo e do Pensamento Cristão (Faculdade Batista do Rio de Janeiro). Professor de Física e Matemática do Instituto de Educação José de Paiva Netto. E-mail: <mail@julianobento.com>. *Open Researcher and Contributor ID:* <<https://orcid.org/0000-0003-3808-2833>>.

## INTRODUÇÃO

É fato verificar que nas grandes catedrais da Igreja Católica Apostólica Romana espalhadas pelo mundo, uma característica muito notável de se observar é a existência de diversas obras sacras retratando, em sua grande maioria, passagens contidas no Novo Testamento da Bíblia Sagrada. Na Basílica de “*Santa Maria del Popolo*” situada em Roma, capital italiana, não seria diferente.

Ao se adentrar na imensa nave que a compõe, é possível notar a existência de diversas capelas laterais, cada uma dotada de um altar específico. Entre essas, uma em particular se sobressai: a chamada “*Cappella Cerasi*”. Uma vez dentro da mesma, é possível averiguar, além de diversos incríveis adornos, duas imponentes obras em suas paredes laterais, uma de frente para outra, cercando o altar principal. Na que se encontra a direita de quem entra, observa-se um jovem perplexo, recém caído de um cavalo, admirando alguma luz ou entidade não retratada na tela. Já na segunda, averiguamos um senhor com idade avançada, sendo posto a uma cruz que, por sua vez, está sendo içada de cabeça para baixo.

Essas duas belíssimas pinturas são do famoso artista Caravaggio (1571 – 1610), sendo provavelmente as de maior valor histórico e monetário de todo o estabelecimento. Ambas foram compostas em 1601 e respectivamente denominadas “*Conversione di San Paolo*” e “*Crocifissione di San Pietro*”. Embora tais telas impressionem a qualquer um que as contemplem, é surpreendente pensarmos num detalhe singular: Enquanto a primeira é inspirada em At 9,1-8, a segunda não é citada em nenhum versículo da Bíblia.

Isso pode gerar certo estranhamento em alguns, visto que, embora seja comum se cultuar a história de santos e mártires posteriores aos escritos neotestamentários em tais igrejas, o martírio de uma das figuras centrais do NT não é considerado canônico. É fato que para qualquer exegeta ou historiador, isso não seria motivo de alarde. Ocorre que tais relatos fazem parte das chamadas tradições cristãs oriundas de fontes além Bíblia.

O objetivo principal desse estudo é compreender mais sobre a origem da tradição do martírio de Pedro Apóstolo, bem como debater sua canonicidade e história. A fim de cumprirmos tal intento, apresentaremos um panorama sobre a formação do cânon neotestamentário e o motivo de alguns livros terem sido denominados de apócrifos. A partir desse ponto, realizaremos uma sucinta hagiografia petrina, nos utilizando dos próprios relatos bíblicos e de alguns escritos não canônicos. Dentre esses, nos deteremos nos “Atos Apócrifos de Pedro” (AAP), visto este ser um dos escritos não canônicos onde recolhemos mais informações sobre o apóstolo além Bíblia. Por fim, exporemos os eventos relacionados ao

martírio petrino, se utilizando de fontes canônicas, apócrifas, escritos dos Pais Apostólicos e de algumas tradições cristãs.

## **1 FORMAÇÃO DO CANON NEOTESTAMENTÁRIO**

A fim de estudarmos e recolhermos informações referentes ao Martírio de Pedro Apóstolo, bem como verificar se o mesmo é canônico ou não, necessitamos antes compreender como, quando e em quais circunstâncias o cânon do Novo Testamento (NT), tal como conhecemos hoje nas Bíblicas Católicas e Protestantes, surgiu.

Mas, antes, o que seria um cânon? A origem do termo remete ao grego e designava uma “haste de medição” utilizada no ramo da construção. Já na conjuntura bíblica cristã, indicava uma lista de livros de origem apostólica (ou de discípulos próximos a esses), dotada de “autoridade divina especial”. O objetivo de um cânon era guiar a comunidade que o recebia, “o que dava a esses escritos uma característica normativa”<sup>2</sup>.

Algo importante de se enfatizar é que ao buscarmos a “canonicidade” de algum episódio, devemos antes estabelecer qual cânon desejamos utilizar para averiguar isso, visto que não houve somente um, como costuma-se imaginar, mas vários no seio da igreja. Devemos recordar que o cristianismo nascente foi formado por várias comunidades cristãs, cada qual possuindo sua própria cultura, concepção religiosa prévia e influências filosóficas, originando, assim, interpretações diferenciadas do que seria ou não sagrado. Durante os primeiros séculos, após o advento do Cristo, era possível notar a circulação de diversos cânones entre esses grupos, como o “cânon de Clemente de Alexandria”, “cânon da origem”, “cânon de Eusébio de Cesárea”, “cânon de Cirilo de Jerusalém” dentre outros<sup>3</sup>.

Além disso, ainda hoje se observa no mundo a utilização de listas do NT dispares das Bíblicas Católicas e Protestantes. A título de exemplo, temos os cânones neotestamentários da Igreja Assíria do Oriente, Igreja Apostólica Armênia, Igreja Ortodoxa Copta de Alexandria, Igreja Ortodoxa Etíope e Igreja Ortodoxa Georgiana<sup>4</sup>.

Entretanto, embora hajam diferenças entre esses NTs, tais distinções são mínimas. Isso não é de todo coincidência, pois houve, em determinado momento da história, o que podemos chamar de um cânon “primordial”, como veremos a seguir.

---

<sup>2</sup> BRUCE, Frederick Fyvie (Org.). Comentário Bíblico NVI. Tradução de Valdemar Kroger. São Paulo: Vida, 2008, p. 33.

<sup>3</sup> METZGER, Bruce M. The Canon of the New Testament. Oxford: Clarendon Press, 1987, p. 307-315.

<sup>4</sup> Ibid., p. 270.

## 1.1 Cânon de Muratori

Ao contrário do que se possa imaginar, embora a maioria dos livros contidos no NT tenham sido escritos por volta dos anos 50 e 100 d.C.<sup>5</sup>, é muito pouco provável que já houvesse um *corpus* formatado do mesmo no final do séc. 1 d.C. Além do fato de a maioria dos textos que no futuro comporiam o NT ainda estarem sendo “produzidos”, era comum, nessa época, se repassar oralmente as histórias relacionadas a vida do Cristo, conforme observamos no livro de Atos e nas Epístolas. Provavelmente já existiam textos e primeiras versões da Boa Nova de Jesus, mas nada parecido com o cânon como hoje concebemos.

Como afirma o Prof. Frederick F. Bruce (1910 – 1990) o NT é um conceito pertencente ao Séc. 2 d.C. e, infelizmente, esse é um século onde existe uma lacuna enorme de informações sobre o tema, que consegue ser maior ainda que a do primeiro século. O professor ainda afirma:

Parece haver pouca dúvida de que o evangelho quadruplicado de nosso cânon tenha sido compilado no início do segundo século, não muito depois da publicação dos evangelhos separadamente, mas se isso foi feito em Éfeso, Alexandria, Roma ou em qualquer outro lugar, simplesmente não sabemos. [...] Embora na primeira parte do [segundo] século haja uma série de indícios de que os evangelhos eram conhecidos como um todo combinado, a evidência direta disso não está disponível até a época de Taciano, 170 d.C. [...] Se por cânon queremos dizer um conjunto fechado de livros, de modo que se saiba precisamente quais livros estão incluídos e quais não, então Marcião (c. 140 d.C.) deve ser creditado como o compilador do primeiro cânon do NT. [...] Mas se Marcião produziu o primeiro cânon real, a ideia de um cânon certamente estava no ar<sup>6</sup>.

Marcião de Sinope (85 – 160) foi um grande propagador de certas heterodoxias que surgiram no início do cristianismo nascente. A fim de defender seus ideais, compôs seu próprio cânon, se utilizando de textos que defendiam o Gnosticismo Cristão e o Docetismo. Diante dessa situação, as lideranças ortodoxas da igreja consideraram vital a criação de um cânon próprio, excluindo as obras propostas por Marcião que possuíam autenticidade duvidosa ou careciam de conteúdo divinamente inspirado<sup>7</sup>. Surgia, assim, o que provavelmente foi o primeiro protótipo do NT que conhecemos hoje, o chamado de Cânon de Muratori.

Tal cânon foi descoberto no Séc. 18 d.C. na Biblioteca Ambrosiana de Milão por Ludovico Antonio Muratori (1672 –1750). Na realidade trata-se de manuscrito incompleto datado do Séc. 8 d.C., mas aparentando ser uma cópia de outro bem mais antigo. Através de

---

<sup>5</sup> BRUCE, op. cit., p. 1395.

<sup>6</sup> BRUCE, F. F. *New Light on the Origins of the New Testament*. Tradução Livre. *Faith & Thought*, v. 101.2, p. 158-162. 1974, p.158-159.

<sup>7</sup> GONZÁLEZ, Justo L. *História Ilustrada do Cristianismo*. 2. ed. Tradução de Key Yuasa e Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, v. 1, 2011, p. 65-67.

informações contidas em tal texto, a data aproximada de sua composição compreenderia meados da segunda metade do Séc. 2 d.C.<sup>8</sup>.

O Cânon de Muratori possui uma formatação bem parecida com o que observamos hoje nas Bíblias Católicas e Protestantes. É inferido que dentre os livros que deveriam compor o NT, constavam (ou ficava implícito) os Evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João), o livro dos “Atos dos Apóstolos de Jesus” escrito por Lucas, a maior parte das epístolas conhecidas hoje e o “Apocalipse de Jesus” escrito por João. É interessante analisar que naquele momento existiam algumas epístolas paulinas que foram descartadas pelo referido cânon, pelos motivos previamente citados, como “aos Laodicenses” e “aos Alexandrinos”. Além disso, até aquele momento, era considerado canônico o chamado “Apocalipse de Pedro”, mas haviam certas ressalvas, visto que “alguns dos nossos não querem que seja lido na Igreja”<sup>9</sup>. Já as Epístolas de Pedro, não estavam listadas e até hoje existem algumas questões relativas à autenticidade dessas, principalmente no que concerne a segunda.

Embora transparecesse, a discussão não se findou naquele momento, tendo ainda se estendido por séculos, onde somente em 367 d.C., Atanásio de Alexandria (328 – 373) finalizaria o debate, propondo o cânon neotestamentário<sup>10</sup> que conhecemos hoje, ratificado pelo Sínodo de Cartago<sup>11</sup>.

## **2 BREVE HAGIOGRAFIA PETRINA**

A história contida no NT acerca do Apóstolo Pedro é algo tão difundido e vasto na cultura cristã, que não caberia aqui uma descrição e análise pormenorizada de tudo o que os Evangelhos, Atos e demais livros do NT citaram sobre ele. Todavia, a fim de melhor compreender a figura petrina contida no cânon neotestamentário, realizaremos aqui um breve resumo biográfico, elencando suas principais passagens. Após esse exame, buscaremos ampliar nossa pesquisa a fim de coletar mais informações sobre Pedro em fontes além NT.

Dessa forma, sabemos que o apóstolo nasceu com o nome de Simão, e era filho de Jonas (ou João) e irmão de André (que também viraria Apóstolo de Jesus). Sua cidade de nascimento era Betsaida, mas residia em Cafarnaum. Era um pescador e trabalhava nesse ramo com André

---

<sup>8</sup> TREGELLES, S. P. Canon Muratorianus. The Earliest Catalogue of the books of the New Testaments. Oxford: Clarendon Express, 1867, p. 1-2.

<sup>9</sup> METZGER, B. op. cit., p. 307.

<sup>10</sup> Conforme havíamos informado anteriormente, como a diferença entre os cânones do NT entre as diversas denominações cristãs atuais se diferem minimamente, a partir desse ponto compreenderemos por “cânon neotestamentário” o NT das Bíblias Católicas e Protestantes. Portanto, quando afirmarmos que algo não é canônico, estamos nos referindo ao atual NT.

<sup>11</sup> BRUCE, Frederick Fyvie (Org.). op. cit., p. 1395.

e os irmãos Zebedeu. Ao encontrar Jesus e virar seu discípulo, teve seu nome alterado para “Cefas”, nome que em aramaico significa Pedro (aludindo ao termo “rocha”), por seu próprio Mestre (Jo 1 e Mt 4,18-22)<sup>12</sup>. Durante a narrativa bíblica é constantemente chamado pela composição Simão Pedro. Ao que se sabe era casado, visto que Jesus curou sua sogra (Mt 8,14-15), e não há informações canônicas acerca de filhos. Dentre os doze Apóstolos de Jesus, Pedro rapidamente foi o que mais se destacou, acabando por se tornar uma liderança entre esses.

Uma das passagens mais emblemáticas relacionadas a sua figura se deu ao Jesus perguntar aos seus discípulos quem ele (o Cristo) era. Diante de tal inquirição, Simão Pedro prontamente respondeu:

Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Então, Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares na terra terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra terá sido desligado nos céus (Mt 16,16-19).

Após essa bela passagem onde verificamos essa autoridade atribuída a Pedro pelo próprio Cristo, Jesus narra como seria sua morte e posterior ressurreição. Nesse momento, Pedro novamente intervém:

E Pedro, chamando-o à parte, começou a reprová-lo, dizendo: Tem compaixão de ti, Senhor; isso de modo algum te acontecerá. Mas Jesus, voltando-se, disse a Pedro: Arreda, Satanás! Tu és para mim pedra de tropeço, porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens (Mt 16,22.23).

Essas duas passagens evidenciam muito sobre o caráter de Pedro e seu *modus operandi* durante os Evangelhos. Ou seja, uma ação ou inquirição intempestiva do apóstolo (geralmente por amor e excesso de zelo) seguido de uma reprimenda ou lição do Cristo. Contudo, graças a essa atitude é que nos foi possível conferir os mais belos ensinamentos de Jesus, visto que os demais apóstolos pouco ousaram interagir com seu Mestre, como Pedro o fez. E Jesus reconhece isso quando em uma de suas últimas aparições após ressuscitar, delega a ele a continuidade de sua missão ao afirmar três vezes a Pedro que esse apascentasse as ovelhas do Cristo (Jo 21,15-17).

Assim, dentre as diversas passagens que o apóstolo vivenciou com Jesus, a partir daqui citaremos aquelas onde teve maior protagonismo: Participou do episódio da “pesca milagrosa” (Lc 5,1-11); presenciou a Transfiguração de Jesus (Mt 17,1-9); foi o único que andou sobre as

---

<sup>12</sup> Todas as referências bíblicas desse artigo foram extraídas de: BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Trad. João Ferreira de Almeida. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Edição revista e atualizada no Brasil.

águas junto com Jesus, submergindo logo em seguida e sendo salvo por Ele (Mt 14,22-36); protestou em ter seus pés lavado pelo Cristo (Jo 13,1-10); cortou a orelha do soldado romano, quando Jesus foi preso no Getsêmani (Jo 18,9-10); durante a paixão de Jesus, chegou a negar o Cristo três vezes, conforme Jesus profetizara (Mc 14,66-75); após alguns dias da paixão de Jesus, um anjo envia uma mensagem para Pedro, por intermédio das mulheres que estavam visitando o sepulcro do Cristo (Mc 16,7); e Jesus Ressurreto aparece somente para Pedro (Lc 24,34).

Já no livro dos “Atos dos Apóstolos de Jesus” (e especificamente após os eventos ocorridos na festa de pentecostes) verificamos uma mudança de atitude em Pedro. O apóstolo passou a dotar de grande fortaleza de caráter, retórica e fé inabalável, em nada lembrando o Pedro da Paixão de Jesus. Observamos essa nova postura nas seguintes passagens: Pedro arrebatou multidões com suas pregações desafiando autoridades religiosas (At 4,12-13); realizou diversas curas, onde até mesmo sua sombra curava (At 5,15); ressuscitou mortos (At 9,36-43); efetuou diversas viagens missionárias; teve visões (At, 10,9-23), foi preso e liberto da prisão com a ajuda de anjos (At 5,17-20 e At 12,6-17) e no Concílio de Jerusalém, interviu na controvérsia da circuncisão, evitando uma ruptura na igreja nascente (At 15,6-35).

Contudo, o livro termina sem um desfecho para a vida de Pedro. Além disso, embora ainda tenhamos as cartas petrinas, essa são curtas e poucos dados fornecem acerca de sua hagiografia.

## **2.1 Pedro Apóstolo Segundo os Pais Apostólicos**

Embora não estejam contidas no NT, as obras dos chamados Pais Apostólicos são agraciadas de certo “status canônico”<sup>13</sup>, visto que são textos que possuem grande importância para a fé e a história do cristianismo. Essas figuras são assim chamadas pois, ou tiveram proximidade com os apóstolos, ou ainda foram discípulos desses. Dentre esses, os mais notórios são Inácio de Antioquia (entre 30 e 35 – entre 98 e 107), que teria sido discípulo do Apóstolo João; Clemente de Roma (35 – 100) que teria sido batizado por Pedro Apóstolo; e Policarpo de Esmirna (69 – 155) também discípulo de João.

Alguns desses escritos eram tão considerados pelas comunidades cristãs, que eram estudadas em conjunto com os Evangelhos<sup>14</sup>. Em tais textos, conseguimos coletar algumas informações relevantes acerca da hagiografia petrina, principalmente relacionadas ao martírio do apóstolo, que listaremos no próximo capítulo.

---

<sup>13</sup> MIRANDA, Valtair Afonso (Org.). Atos apócrifos de Pedro. São Paulo: Paulus, 2019, p. 8.

<sup>14</sup> PADRES APOSTÓLICOS. São Paulo: Paulus, 1995 (Série Patrística, v. 1), p. 194.

## 2.2 Apócrifos Petrinos

O termo apócrifo é proveniente do grego e significa “secreto”, “oculto” ou “escondido”. Contudo, para Hans-Josef Kaluck, além de tais significados não serem exatos quando nos referimos a uma literatura apócrifa, ainda temos o impeditivo de existirem duas definições oriundas dos primeiros séculos:

(1) Com o conceito "apócrifo" designam-se revelações secretas, que não constam no conjunto das revelações geralmente aceitas, mas que, para determinados grupos, tem relevância bem maior do que os ensinamentos conhecidos e aceitos no ambiente eclesial. “Apócrifo” tem aqui um tom positivo, sem reservas; com o mesmo significado, o termo também está presente em Clemente de Alexandria.

(2) Em contrapartida, os seguidores da Igreja Ortodoxa, defendendo um cânone escriturístico claramente delimitado, tomam a designação apócrifo como sinônimo de "falsificado", "não-confiável". No *Decretum Gelasianum*, uma lista canônica do século VI, o termo "apócrifo" aparece de maneira estereotipada, em referência a um grande número de escritos, com significado equivalente a "herético". Nega-se qualquer base de autoridade ao acervo escriturístico assim denominado<sup>15</sup>.

Embora o significado (2) seja o que mais se assemelha ao atual senso comum, ainda assim temos que tomar certo cuidado, visto que muitos desses livros considerados “heréticos”, eram assim referenciados por algumas autoridades cristãs ortodoxas, e não por todo o mundo cristão. Tais obras versavam sobre os mais diversos tipos de conteúdo e, graças a arqueologia, a quantidade de livros pós eventos neotestamentários descobertos aumentaram muito. A maior parte desses consistem de ágrafos (ditos dispersos de Jesus), evangelhos judeu-cristãos, evangelhos egípcios, evangelhos da infância de Jesus, evangelhos de Nag Hammadi<sup>16</sup>, diálogos de Jesus ressuscitado, lendas sobre a morte de Maria, dentre outros<sup>17</sup>.

O motivo de tais obras terem sido excluídas do NT que conhecemos hoje se deve a diversos fatores. Porém, algo que a maioria desses escritos tinham em comum era o fato de possuírem algum apelo gnóstico ou docetista.

Além disso, muitas dessas obras eram consideradas pseudepígrafas, ou seja, falsamente atribuídas a uma pessoa. Embora tal prática fosse muito comum na época do cristianismo nascente, gerando fatalmente problemas relativo à autenticidade, não era necessariamente uma atitude controversa como é hoje. Por conta disso, temos muitas obras atribuídas a famosas figuras cristãs do cristianismo nascente, dentre elas Pedro. Primariamente, podemos elencar o “Evangelho de Pedro” e o “Apocalipse de Pedro” (citado anteriormente no Cânon de Muratori).

---

<sup>15</sup> KLAUCK, Hans-Josef. Evangelhos apócrifos. Tradução de Irineu Rabuske. São Paulo: Edições Loyola, 2009, p. 8.

<sup>16</sup> Cidade Egípcia mais próxima do sítio arqueológico onde tais escritos foram encontrados.

<sup>17</sup> KLAUCK, H. op. cit., p. 5-6.

Além desses, também verificamos o “Apocalipse Gnóstico de Pedro” e os “Atos de Pedro e os 12 apóstolos” que pertencem a Biblioteca de Nag Hammad e, tal como a maioria das obras ali contidas, possui um forte viés gnóstico<sup>18</sup>.

No caso do Evangelho atribuído a Pedro, o único resquício existente do mesmo é um códice papiráceo datado do Séc. 5 ou 6 d.C. Estima-se que o texto original foi composto entre 100 e 150 d.C. O que se pode verificar nesse escrito é a utilização da primeira pessoa pelo autor que, por sua vez, atesta ser testemunha ocular dos fatos ali narrados, sugerindo ainda ser o próprio apóstolo. Eusébio de Cesareia (265 – 339) em seu livro “Histórias Eclesiásticas” fornece um relato de Serapião, um Bispo de Antioquia do Séc. 2 d.C., afirmando que embora ele tenha permitido o estudo do “Evangelho de Pedro” pela comunidade, ficou sabendo que “dissimulava certo senso herético”<sup>19</sup> e o proibiu. Embora Serapião acreditasse que houvesse indícios docetistas na obra, nada realmente explícito leva a se concluir isso, pelo menos no que se refere ao códice<sup>20</sup> que sobreviveu aos dias de hoje. Seu conteúdo é muito parecido com o que é narrado nos evangelhos canônicos, embora com algumas importantes alterações. A principal delas atribui a Herodes, e não a Pilatos, a responsabilidade pela crucificação de Jesus. Além disso, também se verifica uma espécie de descrição espiritual com rico detalhamento da Ressurreição do Cristo.

Já o “Apocalipse de Pedro” foi encontrado no mesmo local do evangelho atribuído ao mesmo autor. Além de muito popular no cristianismo nascente, foi durante muito tempo considerado canônico pelas comunidades cristãs. Segundo Eusébio, Clemente de Alexandria (150 – 215) também o considerava um livro sagrado<sup>21</sup>. Seu conteúdo versa sobre um discurso de Jesus (já ressurreto) sobre o céu e o inferno<sup>22</sup>.

Finalmente, existe ainda uma obra considerada apócrifa que, ao contrário dos livros anteriores, possui uma quantidade ampla de episódios acerca da figura de Pedro após os eventos do NT. Além disso, algumas das passagens contidas em seu interior são hoje, inclusive, dotadas de certo “status canônico”. Tal livro é chamado de “Atos Apócrifos de Pedro” e o analisaremos em detalhes na próxima seção.

Somente a título de nota, ainda existem alguns outros escritos apócrifos de Pedro, dentre esses os chamados “Atos de Pedro e Paulo” e os “Atos de Pedro e André”. Tais obras não

---

<sup>18</sup> Optamos por não nos aprofundarmos aqui em escritos estritamente gnósticos, pois nos distanciaríamos muito do tema.

<sup>19</sup> CESARÉIA, Eusébio. História Eclesiástica. São Paulo: Paulus, 1995 (Série Patrística, v. 15), p. 295-296.

<sup>20</sup> KLAUCK, op. cit., p. 106.

<sup>21</sup> CESARÉIA, op. cit., p. 298.

<sup>22</sup> DEBERGÉ, Pierre. São Pedro. Tradução de Walter Salles. São Paulo: Edições Loyola, 2009, p. 116.

devem ser confundidas com os livros dos atos individuais desses apóstolos. Enquanto o primeiro é uma espécie de combinação dos AAP com algumas narrativas paulinas (entre essas seu martírio), o segundo é quase totalmente dotado de teor gnóstico com narrativas literárias (e não doutrinárias) dos apóstolos citados.

### 2.3 Atos Apócrifos de Pedro

É importante ressaltar que o que chamamos hoje de AAP é um compilado de diversos fragmentos de locais e épocas distintas unificados de forma a se criar uma narrativa coesa. Muito provavelmente, o texto original foi escrito em grego, por volta do ano 170 d.C. e proveniente da Ásia Menor. Antes do Séc. 6 d.C., as comunidades cristãs estudavam diversas obras<sup>23</sup>, além dos evangelhos, e dentre esses estavam os AAP e o “Apocalipse de Pedro”. Todavia, por vezes, somente trechos do livro circulavam, sendo o relativo ao martírio petrino o mais difundido<sup>24</sup>.

O fato de ter sido considerado apócrifo talvez se deva a “seu uso intenso por grupos cismáticos” o que forçou um “abandono pelas comunidades majoritárias<sup>25</sup>”. Todavia, seu autor não favorecia explicitamente a nenhum desses vieses cismáticos e nem apresentava uma postura teológica definida, embora algumas passagens pudessem ser interpretadas como docetistas. Se trata de uma novela que se inicia durante os eventos contido nos “Atos dos Apóstolos de Jesus”, todavia segue além desse, se detendo majoritariamente na vida de Pedro em Roma e seu Martírio.

O texto se inicia em Jerusalém narrando algumas curas realizadas pelo apóstolo, dentre essa a de sua própria filha e a do jardineiro. No caso da primeira, após ser curada por seu pai, Pedro retorna a enfermidade ao corpo da menina, a fim de extrair uma lição para os que ali estavam. Após esses episódios, o texto se volta para Roma e relata a partida de Paulo Apóstolo para a Espanha.

Após toda a descrição do evento paulino, o texto descreve em paralelo a chegada em Roma de um certo Simão (provavelmente o mesmo personagem que Pedro já havia interagido em At 8, 9-24). Esse acabou por realizar grandes feitos entre os cristãos romanos, o que gerou grande apostasia. O texto retorna para Jerusalém e descreve a decisão de Pedro de deixar a cidade a fim de substituir Paulo em Roma<sup>26</sup>.

---

<sup>23</sup> Tais escritos eram: “Didaquê”, “O Pastor de Hermas”, “A Epístola de Policarpo”, “O Martírio de Policarpo”, “A Epístola de Barnabé”, algumas cartas de Clemente, dentre outros.

<sup>24</sup> JAMES, Montague Rhodes. *The Apocryphal New Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1924. Disponível em: <http://www.earlychristianwritings.com/text/actspeter.html>. Acesso em: 23 de nov. de 2021.

<sup>25</sup> MIRANDA, V. op. cit., p. 8.

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. 27-37.

Após a chegada de Pedro em Roma, temos a narração de diversos embates entre Simão e Pedro. Vejamos os principais: Pedro inicialmente se depara com a apostasia de Marcelo, um recém convertido senador romano e, após Pedro realizar diversos milagres, o converte novamente; Simão, que estava na casa do senador, é expulso e foge para casa do Presbítero Narciso, onde Pedro se encontrava; Pedro conta para alguns discípulos a história de Eubola, uma mulher rica de Jerusalém, que fora enganada por Simão; Pedro cura duas anciãs cegas; Pedro e Simão combinam de se encontrarem no Foro Júlio, a fim de que Simão explique sua fuga da Judéia; Simão mostra seus poderes matando um servo ao lhe falar ao ouvido; Pedro o ressuscita e sai vitorioso da disputa; Pedro realiza diversos milagres e curas; Simão tenta mais proezas, mas é vencido pela prece de Pedro; Simão foge de Roma e morre em uma cidade chamada Terracina; Pedro prega a castidade e as concubinas de Agripa (prefeito de Roma) e a esposa de Albino fazem voto de abstinência sexual, o que faz com que Pedro seja sentenciado a morte pelos mesmos<sup>27</sup>.

A partir daqui se inicia os episódios referentes ao martírio de Pedro. É nesse momento que ocorre o famoso episódio “*Quo Vadis, Domine?*” e a crucificação de Pedro de cabeça para baixo. Como faremos uma análise pormenorizada dessas passagens, nos aprofundaremos nelas no próximo capítulo. Por fim, o texto termina com um epílogo onde Nero repreende Agripa por ter sentenciado Pedro a morte, visto que o Imperador queria castigá-lo mais demoradamente. Após certo tempo, Nero tem uma visão aterradora que culmina com o fim das perseguições contra os cristãos. Assim, a partir daquele momento, os discípulos de Jesus passam a viver grande júbilo e alegria<sup>28</sup>.

Algo interessante de se analisar é que essa estrutura vista nos AAP, também se repete nos Atos Apócrifos de André, João, Paulo e Tomé. Todos relatam grandes proezas, embates vitoriosos contra opositores e finalizam com a trágica morte do apóstolo (com exceção de João). Tais livros foram escritos em uma época onde haviam grandes perseguições infligidas pelo Império Romano e a exaltação ao martírio era uma das formas de conceder fé e forças a essas comunidades cristãs dos primeiros séculos.

### **3 O MARTÍRIO DE PEDRO APÓSTOLO**

Sobre a morte de Pedro, possuímos poucos dados canônicos. Nos evangelhos, conseguimos verificar uma única sentença proferida pelo Cristo sobre tal assunto:

---

<sup>27</sup> Ibid., p. 37-88.

<sup>28</sup> Ibid., p. 88-94.

Em verdade, em verdade te digo que, quando eras mais moço, tu te cingias a ti mesmo e andavas por onde querias; quando, porém, fores velho, estenderás as mãos, e outro te cingirá e te levará para onde não queres. Disse isto para significar com que gênero de morte Pedro havia de glorificar a Deus (Jo 21,18.19).

Nos “Atos dos Apóstolos de Jesus”, embora a tradição afirme que o martírio petrino tenha ocorrido em Roma, não temos nenhuma informação no livro sobre uma viagem do apóstolo para tal cidade, bem como sobre sua morte. Já nas duas epístolas atribuídas a Pedro, é possível recolher duas informações interessantes acerca de seu martírio. Na primeira carta, o autor afirma estar escrevendo de uma igreja situada na “Babilônia” (1Pe 5,13), provavelmente uma alusão a capital do Império Romano. Já na segunda carta, podemos encontrar a seguinte afirmação do apóstolo: “Certo de que estou prestes a deixar o meu tabernáculo, como efetivamente nosso Senhor Jesus Cristo me revelou” (2Pe 1,14). Ou seja, segundo tais epístolas, Pedro em algum momento de sua vida esteve em Roma, e embora na segunda carta não saibamos sua localização, ele considerava que em breve sofreria o martírio.

No Cânon de Muratori também existe uma importante informação acerca do Martírio de Pedro. Em determinado ponto, enquanto seu autor justifica algumas escolhas de livros, ao citar os “Atos dos Apóstolos de Jesus” afirma que “Lucas narra ao bom Teófilo aquilo que se sucedeu em sua presença, ainda que fale bem por alto da paixão de Pedro e da viagem que Paulo realizou de Roma até a Espanha”<sup>29</sup>. Ou seja, talvez tenha havido mais informações relativas ao episódio no livro de Atos, do que verificamos hoje.

Já os Pais Apostólicos nos trouxeram importantes informações acerca do episódio. Clemente de Roma, bem como Pápias de Hierápolis (70 – 163), deixaram claro que além de Pedro ter viajado para Roma, esse também foi o local de seu martírio<sup>30</sup>. Inácio de Antioquia perto de sofrer também seu martírio em Roma, declarou que nesse local era possível encontrar as “colunas da Igreja”, no caso, uma referência aos túmulos de Pedro e Paulo<sup>31</sup>.

Além desses, anos mais tarde, grandes expoentes do pensamento cristão também atestaram tais informações como Hegésipo (provavelmente 110 – 180), Tertuliano (160 – 250), Irineu de Lyon (140 – 203), Orígenes de Alexandria (185 – 253), dentre diversos outros.

Por fim, no “Apocalipse de Pedro”, Jesus Ressurreto prediz a morte de Pedro: “Veja, Pedro, eu tudo te revelei e tudo expliquei. Vai, então, à cidade da prostituição e bebe o cálice que eu te anunciei”.

---

<sup>29</sup> METZGER, B. op. cit., p. 306.

<sup>30</sup> KIRSCH, Johann Peter. St. Peter, Prince of the Apostles. The Catholic Encyclopedia. Nova York: Robert Appleton Company, v. 11, 1911. Disponível em: <http://www.newadvent.org/cathen/11744a.htm>. Acesso em: 11 março 2022.

<sup>31</sup> DEBERGÉ, P. op. cit., p. 115.

Uma vez exposto isso, analisando relatos coletados de historiadores romanos do Séc. 1d.C. (como os de Tácito<sup>32</sup>), dados arqueológicos e a própria tradição, podemos concluir que Pedro teria sofrido o seu martírio em Roma, muito provavelmente durante o governo de Nero, que se sucedeu entre 54 e 68 d.C. Mais precisamente, tal episódio teria ocorrido em algum momento após o grande incêndio de Roma (que, segundo alguns historiadores, teria sido infligido pelo próprio imperador) entre 18 e 29 de julho de 64 d.C. Tal evento desencadeou uma perseguição tão acirrada à comunidade cristã romana (visto que Nero os culpou pelo ato) que muito provavelmente foi nesse contexto que tanto o Apóstolo Pedro, quanto Paulo acabaram por sofrerem o martírio<sup>33</sup>.

Embora a tradição forneça a data de 29 de junho de 67 d.C. para a crucificação de Pedro, não existe nenhuma evidência histórica ou arqueológica que comprove alguma perseguição específica ocorrendo nessa data. O mais provável é que a morte do apóstolo não tenha ocorrido imediatamente após o incêndio, mas também não tão tardiamente, numa faixa de tempo compreendida entre 64 e 65 d.C.

Assim, uma vez estabelecido que a paixão de Pedro ocorreu em Roma, por volta do ano 65 d.C., resta-nos agora compreender os pormenores de tal história. Segundo a tradição, temos a seguinte sucessão de fatos: (a) Pedro tenta fugir da cidade e ocorre o episódio “*Quo Vadis, Domine?*”; (b) Pedro retorna para Roma e após algum tempo indefinido é preso no Cárcere Mamertino; (c) Pedro é Crucificado de cabeça para baixo nos Circo de Nero; (d) Por fim, Pedro é sepultado ao pé da Colina Vaticana. Uma vez estabelecida a ordem dos episódios, esquadriremos detidamente cada um desses.

### 3.1 “*Quo Vadis, Domine?*”

Embora existam relatos datados do Séc. 4 d.C. descrevendo tal evento (como o sermão de Santo Ambrósio contra Auxêncio<sup>34</sup>), é nos AAP que talvez tenhamos a única referência e inspiração a todas as outras citações tardias do episódio intitulado “*Quo Vadis, Domine?*” ou “Aonde vais, Senhor?”. Como o trecho contendo tal relato nos AAP é curto, o colocaremos aqui na íntegra:

Enquanto assim discutiam, Jantipa tomou conhecimento da conversa que seu marido mantinha com Agripa e enviou um servo para contar a Pedro, para que este deixasse

---

<sup>32</sup> Tácito, senador e historiador romano, assim escreveu em seus *Anais* (XV 38-44).

<sup>33</sup> DANIEL-ROPS (Henri Petiot). A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires. Tradução Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 1988, p. 154.

<sup>34</sup> THURSTON, Herbert; ATTWATER, Donald (Org.). A Vida dos Santos de Butler. Tradução de Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, v. 6. 1989, p. 286.

Roma. Os irmãos, junto com Marcelo, lhe exortavam também para que fosse embora. Pedro, entretanto, dizia:  
– Devo fugir, irmãos?  
Eles lhe responderam:  
– Não é fuga, se ainda podes servir ao Senhor. Pedro se deixou persuadir pelos irmãos e se dispôs a ir embora sozinho, dizendo:  
– Que ninguém venha comigo. Vou sozinho depois de trocar de roupa.  
Ele, porém, ao sair pela porta, viu o Senhor, que entrava em Roma. Ao vê-lo, disse:  
– Aonde vais, Senhor?  
Este lhe respondeu:  
– Entro em Roma para ser crucificado. Pedro replicou:  
– Senhor, ser crucificado de novo?  
Ele respondeu:  
– Sim, Pedro, para novamente ser crucificado.  
Pedro, quebrantado em seu interior, após ver o Senhor que subia ao céu, retornou para Roma cheio de alegria e louvando ao Senhor pelo que ele lhe havia dito: "Vou ser crucificado". Era isso exatamente o que iria acontecer com Pedro<sup>35</sup>.

Conforme verificamos anteriormente no Cap. 2, tal episódio ocorreu após uma pregação sobre castidade proferida por Pedro, que acabou por influenciar esposas e concubinas de algumas figuras do alto escalão romano, gerando revolta nos mesmos. Todavia, temos aqui certa incongruência. Em nenhum momento temos referência ao incêndio ocasionado por Nero em Roma e a posterior perseguição contra os cristãos (que seria o motivo mais aceito para a perseguição contra Pedro).

Existe a possibilidade do incêndio ter ocorrido após os eventos narrados nos AAP, entretanto o livro termina com Nero prometendo a si mesmo não mais perseguir os cristãos. Uma outra possibilidade seria que o incêndio tenha sido suprimido do texto, ocorrendo concomitante com a narrativa da castidade, mas nenhum indício temos disso.

Uma outra contradição verificada, é que o autor dos AAP afirma que Pedro partiu para Roma “após doze anos de permanência onde o Senhor lhe havia prescrito”<sup>36</sup>, ou seja, antes do reinado de Nero. Isso nos leva a concluir que o texto dos AAP que temos hoje talvez seja somente uma versão com erros provenientes de um resumo de um texto maior<sup>37</sup>, ou ainda uma junção de diversos relatos existentes acerca da figura de Pedro a fim de se criar uma “novela” cristã, não havendo grandes preocupações com a veracidade cronológica ou de fatos menores entre os principais.

Outros indícios não textuais de tal narrativa se verifica na Idade Média, onde Tiago de Voragine (1228 – 1298), Bispo de Gênova e autor da famosa obra “Legenda Áurea”, recordou que o episódio da fuga de Pedro ocorreu “no lugar onde hoje se eleva a igreja de Santa Maria *ad Passus*, ou *in Palmis*, chamada também *Domine Quo Vadis*”. Até hoje é possível visitar tal

---

<sup>35</sup> MIRANDA, V. op. cit., p. 88-89.

<sup>36</sup> Ibid., p. 38.

<sup>37</sup> Ibid., p. 7.

igreja que se estabelece na “*Via Appia Antica*”, próximas as famosas Catacumbas de S. Calisto<sup>38</sup>.

### 3.2 Cárcere Mamertino

Os AAP partem do episódio do “*Quo Vadis, Domine?*” diretamente para a crucificação. Todavia, existe ainda um evento intermediário que provavelmente antecedeu a morte de Pedro, que foi a sua prisão. O chamado Cárcere ou Prisão Mamertina, é um local situado em Roma, onde ilustres personalidades da história romana foram presas antes de serem julgadas. É composto de duas câmaras, uma sobre a outra, escavadas na rocha. A inferior se chamava “*Tullianum*”<sup>39</sup> e era originalmente uma cisterna. Foi nesse local que Pedro teria sido preso<sup>40</sup>.

Ainda, segundo a tradição, mais um fato teria ocorrido ali. Enquanto Pedro pregava na prisão, acabou por converter seus carcereiros, Processo e Martiniano. Como não havia água para batizá-los, fez jorrar uma fonte do chão (ainda existente no local) e assim pôde realizar seu intento. Após a conversão, ambos carcereiros foram presos, torturados e mortos. Posteriormente foram canonizados, estando hoje enterrados na Basílica de São Pedro em Roma<sup>41</sup>. Em tal local pode-se ainda verificar indícios de uma antiga igreja cristã, o que reforça a tradição.

### 3.3 Crucificação de Pedro Apóstolo

Nos AAP o relato acerca da crucificação não é extenso: Pedro se aproxima da cruz e entoia um cântico para a mesma, fazendo um pedido aos seus carrascos: “Suplico-vos, então, verdugos, que me crucifiquem de cabeça para baixo e não de outra forma”. Já posto ao madeiro, aproveitando a presença da plateia em seu entorno, faz lucidamente seu último discurso, seguido de uma oração, e morre.

Suas últimas palavras<sup>42</sup> teriam sido essas:

(...) Com essa voz, Jesus Cristo, dou-te graças. Com o silêncio dessa voz, o Espírito que está em mim te ama, te declara e te contempla. Tu, que és compreendido apenas pelo espírito, tu, meu pai, minha mãe, meu irmão, meu amigo. Tu, servo, administrador. Tu és o todo, e o todo está em ti. Tu és o ser, e não há coisa que exista sem ti. Vós, irmãos, buscai refúgio nele, e aprendei que só tendes nele existência. Assim alcançarei as coisas de que vos falei, aquelas que nem meus olhos viram, nem

---

<sup>38</sup> TESSORE, Dag. São Pedro: um homem à procura de Deus. Tradução de Antonio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 209.

<sup>39</sup> A origem da palavra talvez remeta ao termo latino arcaico “*tullius*”, ou seja, “jato de água”. Já o nome Mamertino é medieval e não se tem consenso sobre sua origem.

<sup>40</sup> HASSETT, Maurice. Mamertine Prison. The Catholic Encyclopedia. Nova York: Robert Appleton Company, v. 9, 1910. Disponível em: <https://www.newadvent.org/cathen/09579a.htm>. Acesso em: 13 março 2022.

<sup>41</sup> THURSTON, Herbert; ATTWATER, Donald (Org.). A Vida dos Santos de Butler. Tradução de Atílio Brunetta. Petrópolis: Vozes, v. 7. 1989, p. 22.

<sup>42</sup> Ainda não seria a última sentença do livro atribuída a Pedro, visto que após a sua morte, esse aparece em sonho a Marcelo o repreendendo por resgatar e enterrar o seu corpo.

ouvidos escutaram, nem chegaram ao coração do homem. Jesus imaculado, pedimos a ti aquilo que nos prometeste. Louvamos a ti. Damos-te graças e te confessamos. Rendemos a ti a glória, enquanto deíbeis seres humanos, porque és tu somente Deus e não há outro, a quem se deva dar a glória, agora e por todos os séculos. Amém<sup>43</sup>.

O que a tradição nos diz é que Pedro, juntamente com diversos cristãos após o incêndio em Roma, foram mortos no Circo de Nero (ou Circo de Calígula, visto que a construção de tal empreendimento se iniciou no governo desse imperador) que consistia de uma grande arena romana estabelecida aos pés da Colina denominada de Vaticano.

Um detalhe importante é que embora o mais comum fosse queimar cristãos, por algum motivo Pedro foi crucificado e não posto na fogueira. Jerônimo (347 – 420) atesta a crucificação afirmando que “foi crucificado com a cabeça para baixo e os pés para o alto, declarando-se indigno de ser crucificado como o seu Senhor”<sup>44</sup>. Tal assertiva também foi repetida por Tertuliano, Orígenes, Eusébio, Pseudo-Lino (Séc. 4 d.C.), Pseudo-Marcelo (Séc. 9 d.C.)<sup>45</sup> provavelmente todas provenientes dos AAP ou dos “Atos de Pedro e Paulo”.

Ainda existe uma antiga tradição do Séc. 6 colocando o lugar da crucificação de Pedro onde hoje se encontra a igreja de “*San Pietro in Montorio*”, na região de Trastevere, Roma.

### 3.4 Túmulo de Pedro Apóstolo

Nos AAP, após a morte do apóstolo, Marcelo recolhe o corpo de Pedro e o coloca em sua própria tumba, sem precisar a localidade. Séculos mais tarde, Eusébio afirmou:

De igual modo assegura-o um eclesiástico, de nome Caio, que viveu no tempo de Zeferino, bispo de Roma. Ao discutir por escrito com Probo, chefe da seita catafrígios, fala acerca dos lugares onde foram depositados os despojos sagrados dos citados apóstolos [Pedro e Paulo], o seguinte: “Eu, porém, posso mostrar o troféu dos apóstolos. Se, pois, queres ir ao Vaticano ou à Via Ostiense, encontrarás os troféus dos fundadores desta Igreja”<sup>46</sup>.

A tese mais aceita é que o local onde teria sido enterrado Pedro, não poderia ser muito afastado do local onde sofreu o martírio. Se ainda haviam perseguições contra os cristãos, tudo deveria ser feito com o máximo de cautela. Portanto, o que a tradição afirma é que Pedro teria sido enterrado ao pé da Colina do Vaticano, imediatamente atrás do Circo de Nero. Com o passar dos anos, uma necrópole começou a se estabelecer no local onde, séculos a frente, Constantino teria erigido a primeira Basílica de São Pedro, precisamente sobre o túmulo do apóstolo. Todavia, até muito pouco tempo atrás, tais relatos eram somente tradição<sup>47</sup>.

---

<sup>43</sup> MIRANDA, V. op. cit., p. 89-96.

<sup>44</sup> TESSORE, D. op. cit., p. 211.

<sup>45</sup> DATA, Edward (Org.) *Domine Quo Vadis*. Roma: Congregazione S. Michele Arcangelo, 1990, p.9.

<sup>46</sup> CESARÉIA, E. op. cit., p. 110-111.

<sup>47</sup> DEBERGÉ, P. op. cit., p. 119.

Entretanto, na década de 1940, o Papa Pio XII iniciou escavações no solo da Basílica a fim de averiguar se seria possível encontrar alguma pista arqueológica sobre o túmulo de Pedro. Em 1950, o papa anunciou que não só havia encontrado uma necrópole datada do Séc. 1 sob o baldaquino da basílica<sup>48</sup>, bem como um altar e uma urna com ossos, que de acordo com inscrições na parede, era do apóstolo.

Além disso, algo digno de nota é que embora túmulo esteja hoje no Vaticano, é provável que pelo menos durante certo período foi movido para outro local:

Segundo um ponto de vista aceito por muitos arqueólogos romanos, os corpos de S. Pedro e S. Paulo foram transferidos em 258 de seus respectivos túmulos, ao pé do Vaticano e na Via Ostiense, para um esconderijo, *ad catacumbas*, na Via Ápia, perto do lugar onde atualmente se acha a basílica de S. Sebastião<sup>49</sup>.

O texto segue expondo que é possível notar em determinados pontos da catacumba, um local de grande adoração e culto a Pedro e a Paulo, sendo provavelmente onde, por volta dessa época, se estabeleceram os despojos dos santos<sup>50</sup>. Além disso, a data 29 de junho não indicaria o martírio, mas o traslado do corpo de volta ao sepulcro original<sup>51</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos com esse trabalho averiguar a canonicidade das narrativas que envolvem a paixão petrina que, embora não façam parte dos livros bíblicos, acabaram por deter certo “status canônico” para algumas vertentes do cristianismo. Por conta desses episódios estarem disseminados nas artes, cultura e no imaginário popular cristão dos últimos 2000 anos, a probabilidade de algumas comunidades cristãs dos primeiros séculos terem considerados tais relatos verídicos e sagrados não é pequena.

Assim, na primeira seção, de forma a melhor compreendermos a origem e o conteúdo de tais episódios, partimos da formação do cânon neotestamentário a fim de buscar pistas que nos levassem a esses relatos. Verificamos que o Cânon de Muratori (primeiro protótipo da lista de livros que compõe o Novo Testamento das Bíblias Católicas e Protestantes atuais) citava o martírio petrino. Além disso, notamos que alguns livros e epístolas que antes eram considerados canônicos (como o “Apocalipse de Pedro”), não mais são hoje. Ou seja, a canonicidade de alguns escritos variou muito ao longo da história.

---

<sup>48</sup> Ibid., loc cit.

<sup>49</sup> THURSTON, H.; ATTWATER, D. (Org.). op. cit., p. 287.

<sup>50</sup> Ibid.,loc cit.

<sup>51</sup> TESSORE, D. op. cit., p. 219.

Uma vez posto isso, buscamos realizar na segunda seção uma breve hagiografia de Pedro a fim de criar um perfil do apóstolo. Nos utilizamos, para isso, do próprio Novo Testamento, dos comentários dos Pais Apostólicos e, principalmente, do livro “Atos Apócrifos de Pedro”, que embora não seja canônico, foi muito provavelmente a fonte de onde se originaram a maioria das histórias sobre a paixão petrina. Com isso, foi possível comparar o caráter do Pedro “canônico”, daquele descritos nas narrativas apócrifas, notando singular semelhança.

Já na última seção, analisamos profundamente todos os aspectos envolvidos na paixão de Pedro. Concluímos que teria sofrido o martírio em Roma, muito provavelmente durante o governo de Nero, no ano 64 ou 65 d.C. A seguir, elencamos a sucessão cronológica dos fatos acerca dessa passagem, como a fuga de Pedro de Roma, o episódio “*Quo Vadis, Domine?*”, prisão no cárcere Mamertino e a crucificação de cabeça para baixo na Colina Vaticana. Para realizar isso, nos utilizando de todas as fontes previamente expressas, bem como da tradição cristã e de dados arqueológicos.

Por fim, concluímos que embora para o neófito ou leigo, a não canonicidade do martírio possa gerar certa surpresa, é inegável que tal episódio esteja impregnado na história eclesiástica do cristianismo como um todo. Embora não tenhamos provas históricas conclusivas que atestem tais eventos, é inegável que tal narrativa concede a Pedro Apóstolo um desfecho grandioso e único, propiciando inspiração e respeito a essa grande figura onde, até mesmo no instante derradeiro de sua morte, continuou a apascentar as ovelhas de seu Mestre.

## REFERÊNCIAS

- BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Trad. João Ferreira de Almeida. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Edição revista e atualizada no Brasil.
- BRUCE, F. F. New Light on the Origins of the New Testament. Tradução Livre. *Faith & Thought*, v. 101.2, p. 158-162. 1974.
- BRUCE, Frederick Fyvie (Org.). Comentário Bíblico NVI. Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2008. 2271 p.
- CESARÉIA, Eusébio. História Eclesiástica. São Paulo: Paulus, 1995 (Série Patrística, v. 15). 520 p.
- DANIEL-ROPS (Henri Petiot). A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires. Tradução Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 1988. 598 p
- DATA, Edward (Org.) Domine Quo Vadis. Roma: Congregazione S. Michele Arcangelo, 1990. p.22
- DEBERGÉ, Pierre. São Pedro. Tradução de Walter Salles. São Paulo: Edições Loyola, 2009. 141 p.
- GONZÁLEZ, Justo L. História Ilustrada do Cristianismo. 2. ed. Tradução de Key Yuasa e Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, v. 1, 2011.

HASSETT, Maurice. Mamertine Prison. The Catholic Encyclopedia. Nova York: Robert Appleton Company, v. 9, 1910. Disponível em: <https://www.newadvent.org/cathen/09579a.htm>. Acesso em: 13 março 2022.

JAMES, Montague Rhodes. The Apocryphal New Testament. Oxford: Clarendon Press, 1924. Disponível em: <http://www.earlychristianwritings.com/text/actspeter.html>. Acesso em: 23 de nov. de 2021.

KIRSCH, Johann Peter. St. Peter, Prince of the Apostles. The Catholic Encyclopedia. Nova York: Robert Appleton Company, v. 11, 1911. Disponível em: <http://www.newadvent.org/cathen/11744a.htm>. Acesso em: 11 março 2022.

KLAUCK, Hans-Josef. Evangelhos apócrifos. Tradução de Irineu Rabuske. São Paulo: Edições Loyola, 2009. 288 p.

METZGER, Bruce M. The Canon of the New Testament. Oxford: Clarendon Press, 1987. 326 p.

MIRANDA, Valtair Afonso (Org.). Atos apócrifos de Pedro. São Paulo: Paulus, 2019. 96 p.

PADRES APOSTÓLICOS. São Paulo: Paulus, 1995 (Série Patrística, v. 1). 368 p.

TESSORE, Dag. São Pedro: um homem à procura de Deus. Tradução de Antonio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2013. 221p.

THURSTON, Herbert; ATTWATER, Donald (Org.). A Vida dos Santos de Butler. Tradução de Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, v. 6. 1989. 307 p.

THURSTON, Herbert; ATTWATER, Donald (Org.). A Vida dos Santos de Butler. Tradução de Atílio Brunetta. Petrópolis: Vozes, v. 7. 1989. 294 p.

TREGELLES, S. P. Canon Muratorianus. The Earliest Catalogue of the books of the New Testaments. Oxford: Clarendon Express, 1867. 256 p.